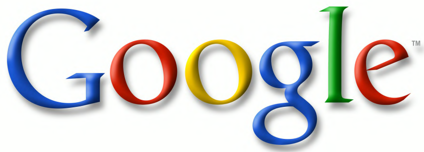


This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

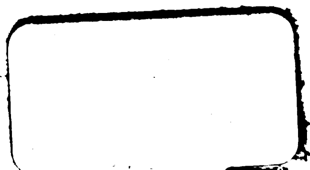
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

A 467084 DUPL


THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
1817



I.º VOL.

CANCIONEIRO DO POVO PORTUGUEZ

collecção de poesias colhidas em differentes pontos do reino e ilhas adjacentes.

CANTIGAS POPULARES

COLLECCIONADAS

por

Francisco Xavier da Silva

PORTO
TYPOGRAPHIA DE RODRIGO JOSÉ D'OLIVEIRA GUIMARAENS
30 — Largo de S. Domingos — 30

869.8
S5725ltca

5826?5-176

Ao Illustrissimo e Ex.mo Snr. Visconde da Praia, dignissimo par do reino, cidadão illustrado, liberal e protector das letras e artes portuguezas, como prova da maior consideração e amizade.

O. D. C.

Francisco Xavier da Silva

Porto 1 de Junho de 1871.



APRESENTAÇÃO AO PUBLICO

Não ha um só povo em todo o universo, que não tenha as suas tradicções mais ou menos gloriosas, os seus costumes, as bellezas do seu paiz e os seus amores, cantados pelos rudes poetas da aldeia em humildes canções, improvizadas ao som da democratica viola, ou de outro qualquer instrumento, conforme o uso da localidade.

Esses cantares do povo, nas horas do descanço, são a expressão genuina dos sentimentos que lhe adornam a alma, essa emanação divina, que só aos seres da nossa especie foi concedida pelo Criador do mundo.

Á imitação dos outros povos, tem os portuguezes, em todas as provincias do reino e ilhas adjacentes, um soffrivel peculio de trovas, que a não ser à mão amiga de alguns colleccionadores d'essas bellezas populares, morreriam no local em que nasceram, sem se fazerem ouvir em outra parte.

Perpectuar a memoria de tão famosas reliquias, é um dever sagrado daquelles que tomam parte activa no cultivo das lettras, fazendo por este modo, com que os vindouros possam apreciar devidamente as collecções de poesias populares, colhidas em differentes pontos, limadas apenas na parte metrica, e classificadas em cancioneiros destinados ao povo, porque o po-

vo deve ter livros privilegiadamente seus, uma vez que para elles collaborou.

D'essas preciosidades pouco resta ao presente que não visto a luz publica, por isso muito maior tem sido o trabalho do colleccionador do presente CANCIONEIRO DO POVO PORTUGUEZ, o qual será dividido em pequenos volumes de 64 paginas cada um, por 80 reis, sendo o primeiro intitulado **Cantigas Populares**, o segundo **O Trovador do Campo**, e os restantantes serão baptisados conforme a materia de que se composerem.

O novo CANCIONEIRO DO POVO PORTUGUEZ, é dividido em pequenos livros, e por tão diminuto preço, com o fim exclusivo de poder ser comprado pelas classes menos favorecidas da fortuna, que só assim poderão possuir o famoso relicario, collaborado pelos modestos ministreis d'aldeia, dignos de occuparem um logar na litteratura, pela sua vocação, e força de vontade, pois desconhecendo a arte, seguem livremente a musa que os inspira e anima, a cantarem as bellezas da terra em que nasceram.

X.

ENTRADAS DE CANTADOR

Em nome de Deus começo
Padre, Filho, Esp'rito Santo,
Seja a primeira cantiga
Que n'este auditorio canto.

Com licença, entra o pinto,
Que o seu papo quer encher,
Onde estão gallos de fama
Que vem pintos cá fazer...

Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão trez pela primeira,
Lá vae o meu coração
Procurar a quem o queira.

Vou cantar uma cantiga
N'este tão grande auditorio,
A vêr se tiro a minh'alma
Das penas do purgatorio.

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo,
Canto por espalhar maguas,
Penas que trago commigo.

Se queres que cante bem
Dá-me uma pinga de vinho,
O vinho é coisa dôce
Faz o cantar delgadinho.

O meu cantar hoje em dia
Já não é como tem sido,
Sou como o calçado velho
Que tem o lustro perdido.

UM RETRATO

Tens o nariz pequenino,
Mas na ponta arrebitado,
Quer dizer que tens mau genio,
Um amor arrebatado.

Tua bocca me parece
Um botãosinho de rosa,
Tenho visto muitas boccas
Mas nenhuma tão airosa.

Os teus lindos olhos negros,
Mais lindos inda os não vi,
Apenas olhei p'ra elles
Morrer d'amores me senti.

A tua airosa cintura
É fina como um caniço,
Mais acima, santo Deus
Ha dois montes de feitiço.

A linda côr do teu rosto,
É côr das rosas de maio,
Teu olhar tem mais finura
Que a ligeireza do raio.

Tens o pé tão pequenino
Como o pé de uma criança,
Chamam-te uns a pisa flores,
Eu chamo-te, o pé de dança.

Tuas fallas tem doçura,
Teu olhar tem attracção,
Já que assim m'agrilhoastes
Aqui tens meu coração.

FINEZAS

Assentei-me ao teu portal
E cantei uma cantiga,
Á mais formosa cachopa
Á mais séria rapariga.

Fui á fonte buscar agua
Encontrei-te no caminho;
Ao ouvir as tuas fallas
Quebrou-se-me o cantarinho.

Na beira do meu telhado
Nasceu-me um amor perfeito,
Mas não tem tão vivas côres
Como o que vem do teu peito.

Esta noite sonhei eu
Que te estava dando beijos,
Accordei, achei-me só,
Puz-me a catar persevejos.

Eu saltei da cama abaixo
Por sentir tuas passadas,
Não pude dizer-te adeus
Por ter as portas trancadas.

Quando eu nasci chorava,
Chorava por ter nascido,
Não chorava se soubesse
Que havia viver comtigo.

Meu coração é relogio,
Minh'alma dá badaladas,
Os dias que não te vejo
As horas trago contadas.

As ondas batem na praia
E saltam como um cabrito,
Eu tambem por tua causa
Saltaria ao infinito.

Da minha janella á tua
É um salto de uma cobra,
Quem me dera já chamar
Á tua mãe minha sogra.

Entre pedras e pedrinhas
Nascem peras carvalhaes,
Julgavas que me esquecias
Cada vez me lembras mais.

Na cidade ha tanto ouro
Que se vende em grandes molhos,
Mas não tem nada tão rico
Como a graça dos teus olhos.

Ó José, ó Josesinho,
Raminho de perfeição,
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração.

Fui á caça das perdizes
Mas os meus tiros falharam,
Só os tiros dos teus olhos
No meu peito se cravaram.

Se soubesse que tu vinhas,
Allivio de meus cuidados,
Tivera a casa varrida,
Alcatifada de cravos.

Ó meu Francisco bandalho
Fita verde no chapeu,
Os teus olhos tem mais brilho
Do que as estrellas do céo.

Muito brilha o branco branco
Ao pé do branco lavado,
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Os teus olhinhos são pretos
Como os pretos da Guiné,
Tem mais brilho que as estrellas
São p'ra mim de grande fé.

O mar passei de joelhos,
De joelhos fui ao fundo,
Por tua causa menina
Iria ao cabo do mundo.

As telhas do teu telhado
As mais d'ellas tem virtude,
Eu passei por lá doente,
Agora tenho saude.

Uma saudade matou-me,
Um suspiro me deu vida,
Um olhar d'esses teus olhos
Deu-me a esperança perdida.

Na beira do meu telhado
Nasceu-me um pé de alecrim,
Porem eu só acredito
Que foi obra do Joaquim.

O barquinho vae á vela
Deus lhe dê vento a favor;
Pois lá vae sentado ao leme
Antoninho o meu amor.

As tuas fallas são meigas
Como o canto da rolinha,
Fallas mesmo ao coração
Como falla uma visinha.

As tuas lindas palavras
São o canto da sereia,
Quem te ouvir todas as noites
Pode bem ficar sem ceia.

Antonio, meu lindo Antonio,
Antonio lindo deserto,
Tu és o mais lindo cravo
Que o craveiro tem aberto.

PECUINHAS

Fui para matar saudades
Sentar-me á borda d'um poço,
Por pouco que não me afogo
Atando a corda ao pescoço.

Atirei-te com dois beijos
Cairam no fim da rua,
Não foi por minha vontade
A culpa foi toda tua...

Tenho corrido mil terras,
A maior parte da Beira,
Nunca achei melhor amigo
Que o dinheiro n'algibeira.

Se tu fosses como d'antes
Meu amigo verdadeiro,
Andavas a mim chegado
Como o trigo no celeiro.

A palha que leva o vento
Ninguem sabe onda ella vae,
É como a moça donzella
Que foge de casa ao pae.

Enterrei no meu quintal
As cartas do meu amor,
Agora não posso lel-as
Deu com ellas o bolor...

Quando a hora está chegada
Só nos resta p'ra fazer
O acto da contricção,
Fechar o olho e morrer.

Quem sempre viveu no mato
Não pode ser muito dado,
É o gato em casa estranha
Com o pello arrepiado.

Se tu fosses a Coimbra
Podias vir um doutor,
Mas vinhas de lá sem pello,
Pobre de ti meu amor...

Olhas p'ra mim de revez,
Eu desculpo o teu defeito,
És uma bonita torta,
És uma torta com geito...

És um grande gabazola,
Por isso não quero amar-te,
Amiguinhos, amiguinhos,
Porem negocios á parte.

Quem te disse que eu dormia
Dormindo estava de certo,
Quando julgam que resono
É quando estou mais esperto.

Déste-me duas laranjas
Em signal do teu amor,
Guardei-as n'uma gaveta
Cobriram-se de bolor...

Não quero amor de viuvo,
Nem uma falla sequer,
Pois nunca encontram nenhuma
Como a primeira mulher.

Coitado de quem é tolo
Que mais juizo não tem,
Pois se lhe mette em cabeça
Que todos lhe querem bem.

Quando eu quiz, não quizestes,
Por eu ter pouco de meu,
Agora que tu me queres,
Agora não quero eu.

Namorados fallem baixo,
Que as paredes tem ouvidos,
Os amores mais secretos,
São esses os mais sabidos.

O annel que tu me déste,
Era de vídro, quebrou-se,
O amor que tu me tinhas
Era pouco e acabou-se.

Eu bem sei que trazes d'olho
A filha do jardineiro,
Olhas mais vivo p'ra ella
Do que um goraz em janeiro.

ARRUFOS

As aguas correm do monte
O sol vem de traz da serra,
Todos os males do mundo
A mulher os trouxe á terra.

Chamaste-me trigueirinha,
Eu bem sei que sou trigueira,
O que tu talvez não saibas
É que tenho quem me queira.

O meu amor tem ciumes,
Não quer que falle a ninguem;
Eu só fallo a quem me falla
Faça o mesmo elle tambem.

A cigarra canta alegre
Toda a noite e todo o dia;
Quem tem penas tambem canta
Mostrando falsa alegria.

Chamaste-me pera parda,
Pera parda quero ser,
Lá virá o mez d'agosto
Que tu me queiras comer.

O tocador da viola
Precisa d'uns bons calções,
Cosidos a pontapés
Forrados a bofetões.

QUEIXUMES

Gostei muito d'um ingrato
Que tão mau pago me deu,
Ninguem me falle mais n'elle
Digam-me que já morreu.

A raposa vendo as uvas
Dissera que não prestavam,
Eu tambem vendo os teus olhos
Logo vi que me enganavám.

Uma setta bem aguda
Trespassa o meu coração,
Porem tu mulher ingrata
Desprezas minha paixão.

Se soubesse quem tu eras
Ou eu te amára ou não,
Agora não tem remedio
Padeça o meu coração.

Tu te queixas, eu me queixo,
Qual de nós terá razão;
Tu te queixas do meu zelo,
Eu da tua ingratidão.

Dizes que me vaes deixar
Como a agua deixa a fonte;
Ficarei desamparada
Como os espargos no monte.

Os cordeirinhos na serra
Para mim ficam pasmados,
Até os brutos lastimam
Os meus dias desgraçados.

Agradei-me de uma ingrata
Que tão mau pago me deu,
Ninguem me falle mais n'ella,
Digam-me que já morreu.

Em sete palmos de terra
Hei-de esconder o meu peito,
Uma vez que nunca achou
Amor que tivesse geito.

,

nte.

a
dos,
n
dos.

ngrata
ne deu,
ais n'ella,
orreu.

le terra
o meu peito,
nca achou
se geito.

Ó minha
Meu anjo
Quando
Quem se

Ninguem
Pode a b
E depois
Passar a

Passei p
Toquei-t
Pedi-te a
Coração

Minha m
Promette
Uma cox
Outra m

Minha m
Promett
Depois d
Deu-me

PRAGAS

O diabo leve os homens
Enfiados n'um cordel,
O primeiro seja Antonio,
O segundo Manoel.

Quando eu tornar a ouvir
Tuas juras fefalsadas,
A porta da minha mãe
Morra cosida a facadas.

Você diz que cae o Carmo,
Caia a Trindade tambem,
Caiam os olhos da Rita
Que olha tanto p'ro meu bem.

Deus queira que aos poucachinhos
Te caia todo o cabello,
Os dentes te fujam todos
E te faças amarello.

Quando eu casar comtigo
Deus queira que fique cega,
Vae enganar o gatinho
Que essa labia cá não péga.

•

FLORES MIMOSAS

Fizestes um ramalhete
De trez ais e um suspiro,
Deu-lhe o vento desfolhou-se
Não chegou ao meu retiro.

Desde que vi os teus olhos
Ando perdido d'amores,
Ando como a borboleta
Doidejando entre as flores.

Amei uma linda rosa
Na roseira inda em botão,
Mas quando quiz apanhal-a
Cravou-me os picos na mão.

Rosa branca toma côr,
Não sejas tão descorada,
Que dizem as outras rosas,
Rosa branca não és nada.

Não ha cheiro mais activo
Que o cheiro do rosmaninho;
Todo o passaro come trigo,
Só o pardal é damninho.

Ó rosa da Alexandria
Aonde perdeste o cheiro?
Foi dentro d'alguma cama
Debaixo do travesseiro...

Põe na minha sepultura
Um presente bem singelo;
Dois goivos, uma saudade,
Ao pé d'um cravo amarello.

As estrellas do céo correm
Todas n'uma carreirinha,
Assim corressem as prendas
Da tua mão para a minha.

Não ha flor como o suspiro
Cá na minha estimação,
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

O cravo p'ra ser bonito
Ha-de ser almiscarado,
O amor que tem raizes
Anda a nós sempre atrellado.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem,
Não queiras experimentar
O genio que os homens tem.

Semiei no meu quintal
Salsa, coentros e goivos;
Somos hoje namorados,
Amanhã seremos noivos.

Ó alecrim rei das ervas
Já meu peito foi teu vaso,
Como tens novos amores
Já de mim não fazes caso.

Silva verde não me prendas
Que eu não tenho quem me solte,
Não queiras tu silva verde
Ser causa da minha morte.

Manjerona bate á porta,
Alecrim vae vêr quem é;
É o rancho da carqueija
Que vae para a Nazareth.

Semiei ternos suspiros
N'um canto do meu jardim,
Ouvi dizer uma voz
«O teu amor é Joaquim.»

Vou regar o manjarico
Que o Manelito me deu,
Tem um cheiro que regala
Capaz de chegar ao céo.

Das flores a mais querida
É o lindo amor perfeito,
Eu então sou desgraçado
Não topo nenhum com geito.

A saudade por ser roxa
Falla muito ao coração,
É como um punhal agudo
Nas unhas d'um bom ladrão.

O cravo junto da rosa
Faz mais bonita figura,
Um rapaz sem rapariga
É como uma noite escura.

A rosa de todo o anno
Ninguem lhe dá mer'cimento,
É como a donzella pobre
Que não acha casamento.

O cheiro da madresilva
É um cheiro encantador,
Cheira a casados de fresco
Em quanto dura o amor...

O pobre do malmequer
Que não faz mal a ninguem,
São todos a desfolhal-o
P'ra vêr a sina que tem.

Das flores da larangeira
Hei-de fazer um raminho,
Uma cr'ôa e um palmito
Pára dar ao meu bemzinho.

O cheiro da vergamota
É um cheiro muito activo
Semelhante ao teu olhar
Que me poz assim captivo.

A baunilha ao pé do muro
Vae trepando a bom trepar,
Assim são os namorados
Sé em casa os deixam entrar.

O botãosinho da rosa
É como a casta donzella,
Andam todos á porfia
A vêr quem lança mão d'ella.

A roseirinha de musgo
É por todos procurada,
É por isso que eu receio
Que inda me sejas roubada.

O girasol por ser alto
Nem por isso vale mais,
Os rapazes maneirinhos
São os que tem bons signaes.

A bonina é rainha
Das flores que o prado tem,
Namorada dos poetas
Não olha p'ra mais ninguem.

O jasmim mesmo escondido
Não pode occultar o cheiro,
Assim são os namorados
Dando voltas no terreiro.

De saudades e perpetuas
Hei-de fazer um raminho,
E mandal-o por mão propria
Entregar ao meu bemzinho.

A roseira de pé curto
Dá rosas mais ramalhudas,
Arrenego das mulheres
Que se fingem carrancudas.

Eu gosto das boas noites
Pelo capricho que tem;
De dia estão fechadinhas,
Á noite mostram-se bem,

O cravo junto da rosa
Fica mesmo a dizer ginjas,
Todos sabem que namoras
D'hoje em diante não finjas,

A rosa d'Alexandria
Tem a folha avelludada,
Mas como não é cheirosa
Cá p'ra mim não vale nada,

Alfinetes de toucar
Eu tenho no meu quintal;
É vaidade de solteira,
Não deves levar a mal,

Apanhei no cemiterio
Um ramalhete de goivos
Nascidos entre as saudades
Da campa de uns pobres noivos.

Hoje em dia na cidade
A mais estimada flor,
É a linda violeta
Pelo cheiro e pela côr.

O lirio no fundo valle
É retrato da tristeza;
Quanto mais dizes que não,
Mais eu te amo com firmeza.

Eu gosto das maravilhas
E tu gostas de alecrim,
É um a dizer que — não —
O outro a dizer que — sim. —

O trevo só pelo cheiro
Espanta ratos e traças,
Tu, espantas as cachopas
Só com as tuas chalaças.

A oliveira é paz
Que se dá aos bem casados,
A palma aos sacerdotes,
Alecrim aos namorados.

As folhas do pecegueiro
Matam de prompto as lombrigas,
Imitam esses teus olhos
Que matam as raparigas.

Gosto do cheiro da murta
Suspenso na viração,
Á maneira dos suspiros
Que partem do coração.

OS ASTROS

Quando o sol nasce no monte
Allumia toda a gente,
Tu, allumias minh'alma
Quando te vejo contente.

O luar da meia noite
Enfeitiça os namorados,
Quando os apanha em conversa
Um ao outro bem chegados.

Puz-me a contar às estrellas
Só a do norte deixei,
Por ser a mais pequenina,
Ao meu bem a comparei.

Vejo no céo uma estrada
Que não sei onde vae dar,
Mas talvez depois de morto
Inda vá por lá passar.

Vi hoje um signal no céo
Representando uma espada,
É certo que temos guerra
Que assim vem annunciada.

Os sete estrellos vão altos
Mais alto vae o luar,
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

A CONFISSÃO

Fui á minha freguezia
Para me desobrigar,
Ouvi missa, ajoelhei
N'um respeitoso logar.

O padre me perguntou:
— Filha tem algum amante?
— Sim meu padre, eu namoro,
Um rapaz muito galante.

— Filha deve já deixar
Essa funesta paixão,
Entregar sómente a Deus
O seu terno coração.

— Meu padre não tenho forças,
De largar o meu amor;
— N'esse caso minha filha,
Procure outro confessor.

— Paciencia, vou-me embora
— Pode filha caminhar,
— Porem d'hoje a oito dias
Cá me tem p'ra me casar.

O SIGNAL DA CRÚZ

Conhecestes o *Jinó*?
— Eu nunca o cheguei a vêr.
— Pois é bom de conhecer
PELO SIGNAL.

Da França é general,
É impostor, uzurario,
E tambem adversario
DA SANTA CRUZ.

Santo nome de Jesus;
Não ha quem d'elle dê cabo?
De semelhante diabo
LIVRE-NOS DEUS.

Os malvados phariseus,
Depois do que temos visto,
Não fizeram tanto a Christo
Nosso Senhor.

É p'ra nós grande favor
Os seus pessimos soldados
Andarem bem separados
Dos Nossos.

Não ha quem lhe quebre os ossos,
Já aqui os trouxe o vil,
Commandando trinta mil
Inimigos.

Livrem-nos pois de taes p'rigos,
Visto portar-se tão mal,
Obtendo uma pastoral
Em Nome do Padre.

Que quer, senhora comadre,
D'um pae criado a furtar,
Nada mais se pode esp'rar
Do Filho.

Fez sem pejo o paralvilho,
Dos nossos conventos praça,
Paulistas, Jesus e Graça
Findou no Espirito Santo.

AO SANTO CASAMENTEIRO

Santo Antonio com ser santo
Tambem teve os seus amores;
Quando os santos namoricam
Que farão os peccadores...

Na noite de Santo Antonio,
Muita pancada levei,
Por via de uma alcachofra
Que por ti meu bem queimei.

Eu pedi a Santo Antonio,
Para que pedisse a Deus,
Que me casasse comtigo
Ou me levasse p'ra os ceus.

Santo Antonio de Lisboa
Foi um grande maganão,
Quebrava as bilhas ás moças,
Fazi-as cair no chão...

Ó meu rico Santo Antonio
Rogae ao vosso menino,
Que faça mudar depressa
Este meu cruel destino,

Santo Antonio é meu pae,
Sam Francisco meu irmão,
Os anjos são meus parentes,
Que famosa geração.

Casae-me meu Santo Antonio
Já que és tão milagreiro,
Conhecido em toda a parte
Como bom casamenteiro.

Vou rezar um Padre Nosso
Ao meu rico Santo Antonio,
Para que me case cedo
E me livre do demonio.

Ó meu padre Santo Antonio,
A vossa Capella cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas
E á flor da larangeira.

AS FREIRAS DE ODIVELLAS

As freirinhas de Odivellas
São bem boas raparigas,
Gostam muito dos poetas
P'ra lhe ouvir suas cantigas.

A marmellada das freiras
É dôce que até enjôa,
Por isso vem tanta gente
Aos domingos de Lisboa.

O senhor Dom João Quinto
Gostava tanto das freiras,
Que passava no convento
Manhãs e tardes inteiras.

Bucage, o grande poeta,
Das freiras era estimado,
Todas guardavam para elle
O manjar mais delicado.

O papagaio das freiras
Era muito fallador,
Todas as suas conversas
Eram contra o confessor.

As freirinhas de Odivellas
Tinham grande protecção
Do monarcha e dos poetas
De toda a luza nação.

AS FREIRAS DE SANTA CLARA

As freiras de Santa Clara
Andam n'uma roda viva;
Ellas no côro de baixo,
Ellas no côro de riba,

As freiras de Santa Clara
Usam as fraldas bordadas,
Tanto luxo no convento
Faz inveja ás namoradas.

As freiras de Santa Clara,
Quer d'inverno, quer de verão,
Jogam á noite os trez settes
Com o padre capellão.

As freiras de Santa Clara
Repicam que é um regalo,
Envergonham um sineiro
Nas manobras do badallo.

As freiras de Santa Clara
Deram muito que fallar,
Tambem nas costas do rei
Eu tenho ouvido cortar.

As freiras de Santa Clara
Em lhe lavando as mãosinhas,
Era pol-as n'um altar
Que passavam por santinhas.

FRADES E FREIRAS.

O frade pediu á freira
Um beijinho pela grade,
A freira lhe respondeu:
— Quer um tiro, senhor frade?

Quando a freira se confessa
Dá um beijo ao confessor,
Em troca recebe dois,
Vejam que grande favor...

Frades, nem de pedra á porta
Meu avô os queria vêr,
Desde que um frade bernardo
Minha avó quiz converter...

A cantilena das freiras
Faz adormecer crianças,
A mim já não me adormecem,
Perdi todas as es'pranças.

Os frades da companhia
Andavam aos dois e dois,
Muita gente os comparava
Com uma junta de bois.

O frei José dos Cortiços
Quando vae ao peditorio,
Conversa com as cachopas
Convida-as p'ro refeitorio.

VARIEDADES

Eu formei muito á pressa
Quatro castellos no ar,
Deu-lhe o vento da desdita
Vi-os logo desabar.

Do mel das minhas abelhas
Enchi bem um pucarinho,
Mandei-o ao meu amor
P'ra lhe adoçar o peitinho.

Antonio, meu lindo Antonio,
Amor do meu coração,
Põe os papeis na igreja
Dá-me assim um alegrão.

Quem me dera ser mosca
Que aonde quer entra e sae,
Para entrar n'esse teu peito
Espreitar o que lá vae.

Já chegou a primavera
Com seu manto de verdura,
Chegaram os meus amores
Chegou a minha ventura.

Casou domingo passado
A rosa d'este logar ;
Cá 'stou eu que sou mais feia,
Mas tambem hei-de casar.

Ter amor é cousa rica,
Ser amada ainda mais ;
Tens inveja, faz o mesmo
Eu não sei porque esperais.

Eu pintei o teu retrato
E conservo-o no meu peito,
Agora não quer sahir
Nem á força, nem por geito.

Eu amei com grande força
Mas depois arrependi-me,
Pois via-a que me dobrava
Para a terra como o vime.

Prometti á Mãe de Deus
Um manto todo bordado,
Para que volte ao rebanho
O cordeiro desgarrado.

Casou meu pae, minha mãe,
Minhas irmãs vão casando;
Eu p'ra não ficar solteira
Vou já noivo procurando.

Os sinos da freguezia
Ouvem-se d'álem da serra,
Mas não são mais conhecidos
Do que eu na minha terra.

Eu hei-de tomar trez banhos
Sem metter o corpo n'agua,
Pois me dizem ser remedio
P'ra curar a minha magua.

Um pataco com mais dois
Trez patacos vem a ser,
Mando á fava dois amores
Basta um só p'ra entreter.

As minhas quatro irmãs
Casaram no mesmo dia,
Eu tambem me vou casar
Não quero ficar p'ra tia.

Rua abaixo, rua acima
Sempre de chapéo na mão,
Namorando as solteirinhas
Que as casadas certas 'stão.

Fui ao mar buscar laranjas,
É fructa que o mar tem;
Fui por tolo e vim por asno
Para servir o meu bem.

D'aqui donde estou bem vejo,
Dois amantes em conversa,
Devem ser bem confessados
Quem á noite se confessa.

Os teus olhos me prenderam
Estando eu n'um bailarico,
Pois a filha de um moleiro
Não aspira a homem rico.

Busquei o amor nas silvas
Mas fiquei toda arranhada,
Minha mãe ainda por cima
Deu-me muita bofetada.

Eu sou gallinha do campo
Nunca tive capoeira,
Faço toda a diligencia
Para não ficar solteira.

Alto pinheiro ramudo
Quem dá pinhas dá pinhões,
Esses teus olhos menina
São negros como tições.

O meu amor é corcunda
Tem uma serra no peito,
Mas na ordem dos corcundas
É um corcunda com geito.

O annel que tu me déstes
Era de vidro quebrou-se,
A amizade que me tinhas
Era pouca e acabou-se.

Ergui-me de madrugada
Para vêr os meus pombinhos,
São mais felizes do que eu
Pois andam sempre aos beijinhos.

Eu queimei erva pinheira
P'ra vêr se me querias bem,
Agora tenho a certeza
Que não amas mais ninguem.

Cana verde, cana verde,
Cana verde feiticeira,
Tenho o coração mais triste
Que no deserto a palmeira.

As pedras d'esta calçada
Embirram todas commigo,
Desde que desconfiaram
Que tomei amores comtigo.

Antes que meu pae me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão está promettida.

Quem me vir de pau e manta
Cuidará que sou pastor,
Sou filho d'uma infanta
Neto d'um imperador.

Ó meu amor d'algum tempo
Inda o podes vir a ser;
Casares, enviuvares,
Tornares ao meu poder.

Quem me dera tomar banhos,
Só com trez me contentava,
Pois tenho toda a certeza
Que com elles melhorava.

Dizem que o homem é fogo
E que a mulher é de estopa,
Quando estão mui chegadinhos
Vem o diabo e assopra.

O inverno já vem perto
Vou tratar de me casar,
A mulher é bom capote
Para a gente se abafar.

Quem quizer comprar eu vendo,
Amores em primeira mão,
Ponha os banhos na igreja
Falle ao padre e sachristão.

Quem é pobre, pede esmola,
Quem é rico pouco dá,
Os pobres dão uns aos outros
Tu que és pobre toma lá.

Quem me dera, dera, dera,
Estar sempre a dar a dar,
Beijinhos até morrer
Abraços até acabar.

Eu vi a lua ír banhar-se
Nas frescas aguas do mar,
Quiz mirar-me nos teus olhos
Mas não os pude fictar.

Joanninha, prenda amada
Preciso fallar comtigo,
Se não me abres a porta
Entrarei pelo postigo.

O ladrão do negro melro
Toda a noite assobiou,
Pela fresca madrugada
Tanto fez que até voou.

Fui hoje á feira das moças
Com sentido de enfeirar,
Vi lá bem boa fazenda
Mas não lhe pude chegar.

Escreveste-me uma carta
Que ainda conservo aqui,
Como não sei escrever
Por isso não respondi.

Eu nunca aprendi a lêr
Por isso te não escrevo,
Mas tenho assente no peito
Tudo quanto já te devo.

Não cuides que por ti morro
Ou por ti rompo os sapatos,
Minha cara de chinella
Toda comida dos ratos.

Namorei-me d'um sargento
Que veio aqui destacado,
Mas no fim de trinta dias
Levou baixa o namorado.

O annel que tu me déste
Trago-o no dedo maior,
Para assim dár mais nas vistas
A prenda do meu amor.

As casadas hoje em dia
Namoram mais que as solteiras,
Algumas conheço eu
Inda mais namoradeiras.

Minha mãe quando casou
Disse adeus á minha avó,
Outro tanto hei-de eu fazer
Quando dér o santo nó.

Nem todo o mato tem picos,
Nem todo o quintal é horta,
Eu não sou quem tu cuidavas
Vae bater a outra porta.

Queres casar muito rico
Fazes frente a uma viuva,
Armas-lhe quatro cantigas
Muita parra e pouca uva.

Nem tudo que luz é oiro
Sempre assim ouvi dizer,
O callado é o melhor
Para quem o perceber.

Ferros velhos, ferros novos,
Aldrabas e castiçaes,
Eu morro pelos teus olhos
Como o gato por pardaes.

Nem sempre ama deveras
Quem faz muitas cortezias,
P'ra mim os cumprimenteiros
São as minhas arrelias.

Tenho tido dez amores
Cada um por sua vez,
Agora louvado Deus
Trago á roça mais uns trez.

Róla o pombo, róla a pomba
Sempre alegres no seu ninho,
Todos tem, só eu não tenho
A quem diga és meu bemzinho.

A lua vae muito alta
Ninguem lhe pode chegar,
Porém ao teu coração
Eu hei-de saber trepar.

Toda a vida fui pastor
Toda a vida guardei gado,
Tenho uma chaga no peito
De me encostar ao cajado.

Tenho catarro nas unhas,
Defluxo nas orelhas,
Já me dóe os tornozellos
De coçar as sobrancelhas.

É de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo,
Bem podias tu menina
Tirar-me d'este degredo.

Eu já vi a negra morte
A comer um cacho de uvas,
Vae-te embora, feia morte
Desamparo das viuvas.

Menina se quer saber
Como se ganha o dinheiro,
Venha commigo p'rá China,
Siga affoita o marinheiro.

O meu amor não é este,
O meu amor 'stá trocado,
O meu é muito geitoso
Este é um desasado.

Deus me livre de dar trella
Aos rapazes do logar,
São todos uns gabazolas,
Antes nunca namorar.

Na frente da nossa igreja
Nasceu um caracolleiro,
Porém no meu coração
Nasceu amor verdadeiro.

Ainda depois de morto
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

Eu já não quero casar,
Pretendo ficar donzella,
Só para levar p'ra cova
Lindo palmito e capella.

Anda cá, meu ai Jesus,
Não te faças tão esquivo,
Pois quero vêr-te a meus pés
Como um pretinho captivo.

Ó mar de Christo Sagrado,
Sepulchro dos navegantes,
Choram as mães pelos filhos,
As mulheres p'los amantes.

Diz-me ó linda trigueirinha
Onde é que fazes a cama,
Se é na gruta dos amores
Debaixo da verde rama?

Se fores a Pernambuco
Leva contas de rezar,
Pernambuco é purgatorio
Onde as almas vão parar.

Mulatinhas da Bahia
Foram-se lavar ao mar,
Deixaram as aguas turvas
Não quizeram lá voltar.

Quem diz que o amar que custa
É certo que nunca amou;
Amei muito n'outro tempo
Porém nunca me custou.

Hei-de morrer uma vez
Para vêr o que tu fazes;
Hei-de pôr-me mal comtigo
Pois gosto de fazer pazes.

Ó alta serra da neve
Onde um penedo cahiu;
Ninguem diga o que não é,
Nem affirme o que não viu.

A sereia quando canta
Faz perder os navegantes,
As mulheres co'as meiguices
Fazem perder os amantes.

A salsa nasce na horta,
A laranja no pomar,
O amor nasce no peito
E morre ao pé do altar.

D'aqui d'onde estou bem oiço
Que na pelle me estão cortando,
Não me importa saber d'isso
Vamos sempre namorando.

Depois da vindima feita
Sempre ha que rabiscar,
Já deixei dez namoradas
Vou mais uma procurar.

Ninguem diga d'esta agua
Nunca mais hei-de beber,
Eu por dizel-o uma vez
Tive que me arrepender.

Quem me dera ser do Porto
Ou no Porto ter alguem,
Só p'ra ter a liberdade
Que a gente do Porto tem.

Eu cantava todo o dia
Como o melro no loureiro,
Mas agora ando na muda
Choro triste um dia inteiro.

Fostes ao Senhor da Serra
Nem um annel me trouxestes,
Nem os moiros na Moirama
Fazem o que tu fizestes.

Na casemira mais fina
Cae a nodoa eu bem sei,
Das más linguas d'este terra
Nunca mais me livrarei.

Tenho dentro do meu peito
Bem chegado ao coração,
Um letreirinho que diz:
Morrer sim, deixar-te não.

No dia em que me casar
Hei-de fazer uma figa,
Á feiticeira do Monte
Por ter olhos de lombriga.

Ninguem sabe como eu sei
Suster-se nas tamanquinhas,
Por isso os meus namorados
Só me chamam Mariquinhas.

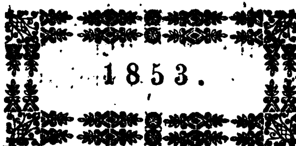
Encontrei á minha porta
Uma carta perfumada,
Era amante apaixonado
Que escrevia á namorada.

UM SEGREDO DESCUBERTO

POR

UMA CURIOZA.

Apenas um Vintem!
Custa este papelinho!
Pelos verços que contem
Valia um pataquinho.


1853.

LISBOA.
TYPOGRAPHIA E ESTAMPARIA
DE
HERMENEGILDO PIRES MARINHO.
Rua da Boa Vista n.° 14, — 1.° andar.

UM SEGREDO DESCUBERTO.

Meus amigos e senhores,
E amante rapasiada,
Vou contar-vos um conto,
Coisinha circunstanciada.

Mas antes de tudo, peço
Que me guardem o segredo,
Não descobrindo o que digo
Que de troças tenho medo.

Tambem não quero alviçaras
Da minha curiosidade,
Quando isto é a epidemia
Que gira nesta cidade.

E se alguem julgar que minto,
Ou tiver que duvidar,
Pode pedir a palavra
No conto que vou contar.

Ahi, n'um sitio onde mora
Gentinha de cá e lá,
Ha um teimoso derriço
Como alguns que por ahi ha.

Isto é, um namorosinho
Que não é dos de janella,
Nem de tecto, nem de fresta,
Nem de simples bagatella.

Tem ternuras de chupeta,
Palavrinhas de bom gosto,
E o calor que abrasa a gente
E' muito mais que o d'Agosto.

Tem muafas de doçura
De menina assucarada:
E tem o melhor de tudo,
Pois se faz n'um vão d'escada.

*

Namoro que atarantado
Deixe o mais espertalhão,
Não pode igualar a este,
Cá na minha opinião.

Nem a moça que matreira
E' já velha em muito amor,
E' capaz de pedir meças
Ao fogo deste assador.

E' engenho de carinhos,
Com festinhas a granel,
E os segredinhos são tantos
Que não cabem no papel.

Se não fosse um impossivel
Fazer boa descripção;
Por certo que não bastavam
Mil folhas de papelão.

Mas ainda aqui não fica
Este derriço esboçado;
E' mais fino o que se segue
Que me deixa embasbacado.

Eu bem sei o quanto custa
Fallar-se da vida alheia,
Mas isto é já tão certo
Como azeite na candeia.

E demais um derricinho
Que se faz n'um vão d'escada,
E' coisa que não escapa
A' visinha mais calada.

E eu como curiosa,
Gostando d'estar á cóca,
Espreitando sempre tudo
Como os coélhos na tóca,

Espreitei os dois amantes,
Já se sabe no derriço,
E escutei esta conversa
Sem qu'elles dessem por isso.

ELLA.

« Olha não sabes qu'ridinho,
« Tenho muito que contar,
« A respeito d'aquellas coisas
« Que tem dado que fallar:

« Estou farta de ouvir tantos
« Mexericos das visinhas
« Que fallam por algarismos
« Dando sempre picuinhas.

« E pensam, as toleironas,
« Que eu não as entendo bem;
« Coitadas, como se enganam
« P'ra cá com o seu vintem.

« Podem dizer muita coisa,
« Que não heide dar cavaco,
« Mas tudo quanto disserem,
« Não me hade ficar no sácco.

« Comtigo é que eu desafogo,
« E's minha consolação;
« Ora dize meu alivio,
« E' isto verdade, ou não?»

ELLE

« Se fallam é por inveja,
« Que têem do nosso derriço,
« Continuemos nós com elle,
« Sem fazermos caso disto.

« E' melhor metter-se ferro,
« À essas tolas que fallam,
« Do que nós emoavacar-mos
« Com coisas que não abalam.

« E tu bem sabes por certo
« Que não podem dizer nada,
« Dos segredinhos, que temos
« Aqui, á porta fechada. »

ELLA

» E' verdade, foi fortuna.
« Ambos aqui assistir,
« Se não. . . oh quem poderia,
« As taes vesinhas ouvir.

« Quando ellas assim mesmo,
« Ainda têem que dizer,
« Que faria se viessem,
« Destas coisas a saber.

« Que nós aqui derriçamos;
« Um com o outro tão juntinhos,
« Que parecemos ás vezes,
« De tal sorte dois pombinhos.